

JOSÉ ABREU NUNES

FIGUEIRÓ
DOS VINHOS

e o

TURISMO



1 9 6 8

MUNICIPAL
MUN
VINHOS

1870
1871
1872

1873
1874
1875

FIGUEIRÓ
DOS VINHOS
e o
TURISMO

BIBLIOTECA MUNICIPAL DE FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Data, 01/02/2006

N.º Registo (5662) 17502

Cota SA FL UNN

FIGUEIRO DOS VINHOS

ALVARO DOS VILHOS

ALVARO DOS VILHOS
Rua da ...
Coimbra

Composição e impressão das Oficinas
da «Coimbra Editora, Limitada»

JOSÉ ABREU NUNES

FIGUEIRÓ
DOS VINHOS

e o

TURISMO



1 9 6 8

ESCLARECIMENTO

Reúno neste opúsculo uma série de artigos que foram insertos em diversos números de O Norte do Distrito, jornal que se publica em Figueiró dos Vinhos sob a proficiente e judiciosa direcção do meu Ex.^{mo} Amigo Sr. Dr. Joaquim Alves Tomás Morgado.

Ao tomar esta resolução, acedi mais a estímulos amigos e bem intencionados, do que por vontade deliberada e, sobretudo, na esperança de que os meus escritos — então dispersos nas colunas do jornal que, generosamente, primeiro os acolheu — pudessem agora no seu conjunto atingir, ainda melhor, a finalidade que têm em vista.

Escrevi-os no convencimento de contribuir, com as minhas minúsculas possibilidades, para a solução do problema turístico do meu concelho, que sempre reputei de vital importância para a sua prosperidade e desenvolvimento.

Não me moveram, por isso, outros propósitos. E se da sua leitura alguém quizer haurir quaisquer assomos de crítica, só maldosamente pode concluir que seja tendenciosa, ou que não se revista de acentuado espírito construtivo.

Desinteressadamente, com isenção, sem escolher situações ambíguas para agradar a gregos e troianos, abertamente devotado, desde que me entendo, aos princípios e aos homens a quem confiei os meus mais

dilectos anseios de ver Figueiró cada vez maior e melhor, regozijo-me de ter colaborado em todas as iniciativas, públicas e privadas, para que fui solicitado e de nos mais diversos sectores, embora com modesta actuação, ter concorrido para a valorização da minha terra estremecida.

Nesta tranquilidade de consciência quase me dispensava de alinhar este esclarecimento. Mas como há sempre quem adivinhe, nisto ou naquilo, um despeito, uma segunda intenção, quero deixar bem vincadas a ideia e a certeza de que com esta descolorida publicação não pretendo enoitar o valor e o prestígio daqueles que os alcançaram com o seu meritório esforço e dedicação em prol do engrandecimento de Figueiró.

Porque não sou dos que consideram os êxitos dos outros motivo de despeito ou de ofensa pessoal, muito menos desejaria denegrir os que foram colhidos por serviços prestados ao bem comum e por justa mercê da terra que me foi berço.

Março de 1968.

I

Toda a área do concelho de Figueiró dos Vinhos está classificada, desde 1928, como estância de turismo.

Nem o nosso bairrismo, nem a dedicação que dispensamos a tudo que se relacione com o prestígio e progresso da nossa terra, nos impede de afirmar termos andado — entidades públicas e privadas ou cada figueiroense considerado individualmente — muito longe de ter contribuído para que, neste aspecto, algum passo em frente se tenha dado de decisivo e apreciável.

Clima de média altitude, águas puras e paisagem encantadora, immortalizada em lindas telas de Malhoa, não chega.

Na era materialista em que se vive, apenas se associa à palavra turismo a ideia de desenvolvimento económico. Turismo significa divisas. Para as conseguir terá de existir, fatalmente, uma contrapartida. Há-de prestar-se um serviço, traduzido em atracções de toda a espécie, que produzam rendimento e, consequentemente, lucro.

As belezas naturais contribuem, de certo modo, para se alcançar o ambiente propício mas, só por si, não bastam nos tempos que vão correndo.

Não podemos já acreditar no turista que se encontre divorciado de comodidades e divertimentos, factores indispensáveis para lhe provocar o desejo de permanecer.

Ora, são precisamente estes factores com que não podemos contar em Figueiró.

Têm surgido, de quando em vez, certos lampejos de iniciativas tendentes a esta consecução, mas depressa se esvaiem como o fumo.

E vem isto a propósito de trazer a lume o eterno problema da construção de uma casa de espectáculos.

Já lá vão alguns anos, que chegou ao nosso conhecimento tudo estar preparado para começar a erguer-se a almejada Casa.

Tivemos à nossa frente e contemplámos, embevecidos, o respectivo projecto. Até já tinha nome: chamava-se o «Cinema S. João»!

Se bem me recordo, ou antes, tenho a certeza, de que esta iniciativa partia de um figueiroense a quem nada se pediu. Agia de livre e espontânea vontade e sem quaisquer interesses...

A ideia era tanto de apreciar e vinha de tal maneira ao encontro das necessidades de Figueiró que alguém, sempre atento ao seu provimento, conseguiu transformá-la numa promessa formal.

Claro que a sua concretização em realidade não se vislumbra e o problema continua em ponto morto.

Deste estado de coisas dois grandes males avultam: Figueiró continua a ver-se privada de um elemento de atracção de muito valor e, ao mesmo tempo, mantém-se de pé uma ideia falhada a impedir que outras vontades pudessem revelar-se neste aspecto.

Que existam indivíduos, que não queiram ou não possam, investir a sua boa-vontade ou o seu capital em empreendimentos desta natureza, está certo.

O que não pode passar sem o nosso reparo é o facto de tudo isto se ter prometido e de, até agora, nada se ter feito.

A Comissão Municipal de Turismo, embora disponha de limitados recursos financeiros e de reduzidos poderes deliberativos, não deve continuar, por mais tempo, a isentar-se de estruturar um plano de valorização turística do concelho e apresentá-lo à entidade com competência para o executar. Sobretudo, é preciso alhear-se dos cantos de sereia que, de quando em vez, se fazem ouvir, para nos embalar no sonho das suas pretensões em detrimento do interesse geral.

II

Sob este título escrevemos a quinzena passada existirem determinados factores decisivos de que Figueiró, presentemente, não dispõe para provocarem no turista o desejo de permanecer.

E veio a propósito evidenciar, então, a necessidade de existir uma casa de espectáculos. Este foguete não provocou, até agora, qualquer reacção, aceitando-se, portanto, como qualquer banalidade que, à força de ser repetida, não tem interesse e passa despercebida a toda a gente.

Não houve um esclarecimento, nem uma desculpa e nem sequer se considerou a oportunidade para agitar o problema.

Porém, não são estas atitudes cómodas que nos descreçam. Contrariamente animam-nos a focar o nosso ponto de vista, insistindo pelo desenvolvimento turístico da nossa terra.

Relativamente pobre em comércio, quase isenta de unidades industriais, não nos digam que havemos de firmar o nosso engrandecimento na agricultura, teimando em exigir da terra uma riqueza e prosperidade que não nos pode dar.

Longe dos grandes centros, privados de eficientes meios de transporte, vítimas, enfim, da nossa própria posição geográfica, também o capital não nos cobiça para grandes investimentos industriais. Estamos, por isso, naturalmente isentos dos enormes benefícios e vantagens que proporciona às regiões onde se instala.

Hão-de sorrir-se aqueles que não acalentam para si ou para a sua Terra maiores aspirações, por se encontrarem bem instalados na vida e ser-lhes indiferente o destino dos outros, quando preconizamos que há-de ser o *turismo* a fonte do nosso melhor rendimento e progresso. Se para ele não volvermos as nossas atenções, se não empregarmos os nossos esforços para que efectivamente exista e produza os seus frutos, não sei de que outra árvore os possamos vir a colher.

De resto esta nossa opinião, nem é nova nem se confina ao problema local, porque transcende já a sua exiguidade e situa-se, como todos sabemos, no plano geral.

Só é pena que Figueiró tenha encetado, há perto de 40 anos, o caminho para conseguir este desiderato e esteja na iminência de se ver ultrapassada, neste aspecto, pelas terras vizinhas.

E aqui começa a nossa preocupação.

Localidades que nem sequer foram ainda bafejadas pela legalização de actividades turísticas, que não têm, como nós, formalizada e consolidada essa posição, começam a criar condições para as alcançar: umas fortuitas... outras nascidas do bairrismo e tenacidade dos seus naturais, despontam com vivacidade impressionante, convidando-nos a meditar profundamente sobre o caso e a impor-nos a necessidade de se rever este estado de coisas.

Depois dos factos consumados, geram-se as lamentações e surgem os arrependimentos de se não ter agido, mas de maneira alguma podem considerar-se lenitivos ou desculpas para a inacção a que estivemos votados.

Quando nos tomarem a dianteira, já não iremos a tempo de lhes tolher o passo, porque são mais jovens e mais fortes as suas pretensões e os seus anseios.

Oxalá que estas considerações não passem, entretanto, de uma profecia impertinente ou de devaneio de um lunático...

III

Ainda não é desta vez que o mutismo nos invade: à nossa mente ocorrem com frequência inúmeros dados estabelecendo outros tantos problemas que hão-de, forçosamente, alcançar um dia a solução conveniente.

Os motivos, agora impeditivos da sua esquematização, provêm da descrença no que se vem preconizando a respeito duma penetração turística no País.

Abandonar a ideia de que o mar e o sol das nossas praias é o único fulcro em que se apoia a alavanca do turismo português, é privilégio de muito poucos.

Por isso, é necessário, absolutamente indispensável pugnar, sem desfalecimentos, pela defesa deste ponto de vista, aliciando para o nosso lado os que tenham maior empenho em fazê-lo vingar.

Começemos então por bater à nossa própria porta, a despertar a atenção dos responsáveis pelo desenvolvimento turístico desta formosa região, em especial de Figueiró.

É de nosso conhecimento ter-se feito alguma propaganda no sentido de interessar o turista na visita a estas paragens. Porém, nós sabemos que os resultados têm sido decepcionantes para todos que foram atraídos pelas parangonas das revistas da especialidade, ou por outras modalidades.

É que tudo o que temos, presentemente é ainda muito pouco.

Torna-se necessário formar um conjunto de atractivos que provoque o tal *desejo de permanecer*, para não criarmos, por nossas próprias mãos, o turista de passagem afinal o de menos interesse e de menor rendimento. Só depois, a propaganda terá cabimento e nos parece compensadora.

Entre os elementos desse conjunto destacamos, hoje, aquele que nos parece de maior importância: uma piscina.

Sabemos, ao escrever esta palavra, surgirem de vários lados os óbices à realização deste melhoramento.

Acreditamos não ser empresa fácil. Mas se não houvesse que resolver dificuldades, se as coisas aparecessem por geração espontânea, também não existiriam homens dinâmicos e de prestígio, nem obras de valor.

Não queremos uma piscina igual às outras, concebida para realização de competições desportivas, com as medidas máximas e uma prancha enorme para saltos acrobáticos: são monótonas, rigidamente funcionais e pouco acolhedoras.

Estamos a pensar num lago-piscina de recorte caprichoso, a chegar-se ao natural, emoldurado de plantas viçosas e mais ao longe, a renderem os folclóricos chapéus de praia, árvores de pequeno porte mas frondosas, proporcionando sombra que não roubasse o sol às águas. Uma espécie de recanto do Paraíso onde a par do regalo do corpo se enlevasse o espírito.

A originalidade de concepção (pelo menos no País) o bucolismo, o aprazível de que se revestiria, cimentam o nosso convencimento de que havia de ser elemento de valor, e decisivo, para atracção de muita gente.

Basta recordar também, em reforço desta nossa convicção, que em muitas dezenas de quilómetros em redor se não encontra atractivo desta natureza e os que existem (Tomar, Alpedrinha, Coimbra) seriam bem diferentes do que idealizamos para nós.

Podia prever-se, pois, uma afluência do turista indígena duma vasta região sem grandes dificuldades em transpor distâncias mas, sobretudo, um motivo certo e seguro para prender e seduzir, numa estadia mais ou menos prolongada, os turistas que desejam, efectivamente, fazer turismo.

Conhecida a atracção nata (com raras excepções) que toda a gente tem para a água, a tendência para nos abeirarmos dela buscando frescura nos dias cálidos, a alegria contagiante que provoca nas crianças, nos jovens e até nos velhos, o prazer que proporciona na natação ou no banho, fazem da sua existência em qualquer parte, um dos mais belos e sedutores ambientes de férias, após longos períodos de trabalho e canseiras.

Estamos até em crer que nas terras, como a nossa, despro-

vidas de cursos de água naturais e à espera que o turismo-interior seja uma consoladora realidade, hão-de basicamente integrar-se nesse movimento promovendo, a par da instalação de unidades hoteleiras, a construção de piscinas.

Aqui fica mais um alvitre, um modesto contributo para ajudar a vencer a inércia em que nos instalámos neste capítulo de Turismo.

IV

Continuando a nossa penosa digressão pelas escarpas de acesso ao castelo onde vive encantado o desenvolvimento turístico de Figueiró e depois de termos a miragem da piscina (como alguns lhe chamaram), apetece-nos desenvolver o tema, chegando-nos, agora, a mais concretas sugestões.

Um dos impedimentos, de maior destaque à realização de tão importante melhoramento é, segundo a voz corrente, a falta de água.

Não colhe, porém, o argumento visto não podermos menosprezar a verdade, já anunciada, de que se encontra em estudo o projecto para reforço do abastecimento à vila, que consiste no aproveitamento do caudal da Ribeira de Água de Alta, na barragem da Lapa da Moura, hoje propriedade do Município.

Sendo assim, também não é legítimo pensar que se leve a efeito este empreendimento, onde se investirão, certamente, centenas de contos sòmente para garantir a normal distribuição domiciliária. Pelo contrário, é de admitir que se tenha ido bastante mais longe na previsão das necessidades futuras.

Os próprios serviços municipais para assegurarem a sua eficiência em diversos sectores, desde a higiene e limpeza até aos jardins e incêndios, precisam de ter à sua disposição consideráveis e convenientes quantidades do precioso líquido.

É certo que os técnicos tudo prevêem e estudam minuciosa e atentamente, mas estamos crentes, até, que o Município não se terá dispensado de relembrar ao autor do projecto a amplitude de que carece uma obra desta natureza para servir um aglomerado urbano em franco crescimento como o nosso.

Ora se, efectivamente, as coisas se passam como referimos, mesmo que o contingente de água para a piscina não tenha sido estimado, a natureza e o volume do caudal a captar poderão

suportar, no seu excedente, a alimentação dessa piscina. De resto não se trata, neste caso, de um abastecimento permanente e constante, visto que a renovação da água se faz periodicamente e com mais frequência apenas nos meses de verão, sendo ainda de considerar o aproveitamento dos sobejos resultantes daquela renovação e da limpeza.

Mas ainda que esta solução não tivesse viabilidade — o que só por hipótese se considera — não seria, mesmo assim, a falta de água obstáculo intransponível.

Dizem-nos que a nascente da *Fonte do Guimarães* excede tudo o que possa pensar-se a respeito dos seus recursos em abundância. Os entendidos em vedorias asseveram que, convenientemente explorada, chegava e crescia para abastecer meia vila!...

Agora que lá para os lados do *Pinhal do Serra*, com a construção do belo edifício escolar, moderno e atraente, se deve dar por concluída a zona escolar da terra, voltemos a nossa atenção para os terrenos adjacentes, onde preconizamos a localização da piscina.

Desde as imediações da Casa do Povo até ao cabo do Campo da Mocidade, sempre ao longo da Estrada Nacional que segue para Pedrógão Grande, dispomos de espaço, mais do que suficiente, para realizarmos tudo já idealizado no nosso anterior escrito.

Não é difícil antever a excelência do local, em nível inferior a qualquer das origens do abastecimento de água sugeridas, com surpreendentes vistas sobre o Vale dos Mações e, ao longe, as das serranias da Beira Baixa.

Por aqui nos ficamos, hoje, esperançados em que o nosso discorrer sobre a viabilidade de tão interessante e útil empreendimento, possa merecer uns momentos de atenção a quem de direito.

V

Depois dos alvitre e sugestões que apresentámos para tornar realidade o sonho da construção da piscina não queremos deixar, mais uma vez e antes de abordarmos outro problema, de reafirmar a nossa crença nos benefícios que haviam de resultar do estabelecimento desta importante iniciativa, para o desenvolvimento turístico de Figueiró.

Vamos até mais longe: como já tivemos ocasião de referir, consideramo-la o elemento onde deve alicerçar-se o impulso do nosso turismo, visto que já possuímos o complemento, em nosso entender e no nosso caso, também indispensável para se alcançar a finalidade preconizada. Queremos aludir ao Hotel Terra-bela, vítima evidente do *isolacionismo* a que forçadamente se encontra votado.

Não encontramos, até, argumento mais convincente, nem exemplo mais flagrante, do que a sua penosa existência, para justificar o ponto de vista que temos vindo a defender. Comparo-o a um naufrago perdido e isolado na ilha por milagre dos deuses ressurgida dos mares, que os homens não assinalaram ainda nas cartas de navegação...

Há muito que hasteou a bandeira para atrair a atenção de um possível salvador, há anos que grita, desesperadamente, na ânsia de se encontrar sob os auspícios em que nasceu, mas a sua voz perde-se na imensidão das águas...

Efectivamente, havemos de concordar que, entregue apenas aos seus recursos e ao ambiente até hoje criado à sua volta como unidade hoteleira duma estância de turismo — que não foi nenhum — não é possível sobreviver.

Os hotéis não são elementos de atracção. Antes, são a consequência lógica e necessária da vivência desses elementos com que a natureza dotou as regiões onde foram estabelecidos, ou que os

homens, com o seu sacrifício, com o seu interesse e devoção, souberam e quiseram criar e manter.

Precisamente e, em boa verdade, se é certo que tivemos, e temos, à frente dos destinos do nosso concelho homens devotando ao seu progresso e engrandecimento, o melhor da sua actividade, do seu esforço e inteligência, através de grandes realizações, não podemos entretanto — e com mágoa o confessamos — atribuir-lhes qualquer passo apreciável neste capítulo de turismo.

Talvez porque o significado desta palavra se tenha prestado a interpretações erradas e menos realistas, talvez porque outros problemas mais instantes e humanos tivessem preocupado o espírito dos nossos condutores, o certo é que o emperro se veio consumando e é a triste realidade.

Sucede então o inevitável: qualquer iniciativa particular nascida do bairrismo dos figueiroenses ou menos avisada das cautelas de que tem de rodear-se para poder prosperar, fica, antecipadamente, condenada ao malogro.

Isto é, não nos prepararam com elementos de atracção de real valor que cheguem para conferir às surgidas extemporâneamente, condições de vida e progresso.

Essas iniciativas podem considerar-se como não existentes e em nada contribuem para a solução do problema que vimos debatendo. Ainda estamos a tempo de lhes insuflar estímulo e sobretudo de lhes criar o ambiente indispensável à sua manutenção para que, ao menos, se não percam os sacrifícios que os seus impulsionadores têm feito e se compensem as dificuldades por que têm passado.

Assim seja.

VI

A leitura do «Relatório da Gerência Municipal» respeitante ao ano de 1964, inserto no último número deste jornal, e na parte em que se refere ao Turismo, veio revelar-nos, mais pormenorizadamente, o que já era do nosso saber quanto ao estabelecimento de um *Posto Aquícola* para criação de alevins de truta em Campelo.

Esta iniciativa da nossa Câmara tem, segundo nos informam de fonte fidedigna, toda a aceitação e apoio da Direcção-Geral dos Serviços Florestais e Aquícolas que, através de um seu representante qualificado, reconhece serem as águas e o ambiente da Ribeira de Alge, em Campelo, de condições excepcionais, senão as melhores do País, para a criação da truta.

Nestas circunstâncias, projecta-se ampliar a construção deste Posto de modo a permitir a criação daqueles salmonídeos, não só para repovoamento da nossa concessão, mas também para abastecer outros cursos de água desta região (1).

Não podemos, por isso, deixar de reconhecer a importância deste empreendimento, que em muito virá valorizar a área do nosso concelho, sobretudo como elemento de atracção turística.

Simplesmente gostaríamos de lembrar que a actual concessão, como agora se encontra demarcada, parece-nos de reduzidas dimensões, não permitindo a frequência diária de um número de pescadores compatível com o interesse que deverá despertar nos meios desportivos da modalidade.

Mostra-se, assim, necessário o alargamento da área da concessão, se for legalmente possível. Com esta medida poder-se-ia aumentar o número de licenças a conceder diariamente e também

(1) Este Posto Aquícola está presentemente em construção e a realização de todo o empreendimento está orçada em 1 053 contos.

o número de capturas, actualmente muito limitadas pelo respectivo Regulamento disciplinador da actividade piscatória na coutada.

E como estamos em maré de sugestões, ainda nos permitimos recordar que a concessão, com toda a sua beleza e maravilhosas condições, se situa a 18 quilómetros de Figueiró.

Queremos dizer que a nossa vila deve ser o ponto de apoio de onde partirão os seus frequentadores, porque só aqui encontram alojamentos necessários e condignos.

Vem isto a propósito para salientar a conveniência de se pensar, muito a sério, no alcatroamento da estrada de Campelo. Se até aqui esse melhoramento era reclamado pelas populações daquela freguesia e se considerava justo e importante, não há dúvida que pode considerar-se, agora, como indispensável.

É certo que o acesso a Campelo se faz hoje por uma estrada macadamizada em regular estado de conservação, mas acreditamos que os responsáveis pela valorização turística do concelho serão os primeiros a concordar não estar à altura do que é preciso proporcionar aos que demandam estas paragens.

Não devemos deixar como recordação a quem procura os nossos atractivos, o desconforto e os incómodos provocados por um pavimento irregular e agressivo.

Resta-nos realçar o valor que representa para Figueiró o estabelecimento do Posto Aquícola como factor de progresso turístico e congratularmo-nos com o interesse, que começamos a antever, por parte de quem de direito, em impulsionar essa actividade — o Turismo — que tantas vantagens e benefícios decerto nos proporcionará.

VII

Ouvimos falar há tempos, vagamente, na possibilidade de se construir na nossa terra um parque de campismo.

Esta ideia se puder transferir-se para o campo das realidades, não deixa de constituir valioso elemento de atracção turística. De resto, muitas terras do País estão já a gozar dos benefícios destes acampamentos, pois são em elevado número os turistas nacionais e estrangeiros que preferem e utilizam esta forma de acomodação nas suas digressões.

É contudo necessário ter em consideração que o campista, segundo me parece, não quer apenas armar a barraca. Acessoriamente há-de ter possibilidades de distrair o espírito e revigorar o corpo, com a prática de qualquer desporto ou distração.

De momento, e para não voltarmos a falar sobre a piscina ou a casa de espectáculos, não nos ocorre em que encontrar, nesta linda terra, a satisfação daqueles complementos indispensáveis.

Enfim, como infelizmente não podemos aspirar a um plano disciplinado de elementos de atracção, fazendo depender de uns, a valorização de outros para alcançar os rendosos fins que o Turismo tem principalmente em vista, ao menos que se prossiga aos solavancos...

Nesta ordem de ideias, muito nos agrada ver a nossa terra dotada com este grande melhoramento.

É claro que para levar por diante esta iniciativa é necessário investir montante de dinheiro apreciável, visto que as obras desta natureza requerem certo número de instalações indispensáveis à sua utilização.

Desde os acessos e arruamentos em condições convenientes, até à iluminação, passando pelas instalações sanitárias, lavadouros, abastecimento de água, esgotos, etc., tudo é necessário prever e realizar.

Por outro lado, baseando-nos em informações colhidas, embora superficialmente, nos parques de campismo em funcionamento por esse País fora, as taxas de utilização a pagar pelos ocupantes são bastante acessíveis e, portanto, só compensadoras desde que se verifique grande afluência.

Ao fazermos estas considerações, estamos a pensar que a entidade concessionária do parque seria a Comissão Municipal de Turismo sòmente, ou de colaboração com a Câmara Municipal. Então não haveria o pensamento dominante de auferir um lucro que fosse além de um reduzido juro para o capital investido.

Queremos dizer, apesar de tudo, que não consideramos a construção do parque de campismo um melhoramento-base para o desenvolvimento turístico de Figueiró e que se não justifica o sacrifício de despende um elevado montante sem retribuição compatível.

E esta retribuição não existe precisamente porque tem sido esquecido, com graves consequências, o plano disciplinado que atrás preconizámos.

Acabamos, assim, por concluir que antes de se pensar no melhoramento agora em causa, outros lhe deviam ter tomado a dianteira, que permitiriam, isso sim, fomentar o nosso turismo, criando ambiente e justificando este e outros que, por certo, surgiriam naturalmente e sem esforço.

Parece que nos estamos a contradizer, mas não.

Há, até, quem no campo das verdadeiras realidades materiais, considere o campismo como inimigo do turismo. É que estando generalizado o entendimento desta palavra por lucro, o campista é das fontes mais modestas na produção dele. Vamos até ao ponto, salvo algumas excepções dos puros e verdadeiros campistas, de este desporto, se assim lhe podemos chamar, estar a ser adulterado em prejuízo da modalidade e do próprio turismo.

Estas circunstâncias, só por si, acabam de justificar a nossa opinião quanto à ordem de preferência que deveria dar-se aos factores de valorização.

Entretanto, e já que se não pode voltar atrás, ao menos tenhamos esperanças em que a ideia possa ter concretização.

VIII

Num dos primeiros escritos que sob este título publicámos, lembramo-nos de referir serem as belezas naturais factores de atracção turística de importância, mas que só por si não podiam considerar-se decisivos para provocarem o *desejo de permanecer*.

Não quisemos, então, relegar para segundo plano esses valores, como agora também não queremos deixar de exaltá-los e reconhecer, até que, no caso de Figueiró, eles tiveram o mérito de conseguir, desacompanhados de quaisquer outros atributos, o reconhecimento legal de toda a área do nosso concelho como Estância de Turismo!

Há, entretanto, que ter em consideração a necessidade de zelar pela sua manutenção, de fazer realçar essas belezas, de forma a obter-se o máximo do seu esplendor.

Já lá diz o adágio que *o homem põe e Deus dispõe*. Ora não podem restar dúvidas que Deus foi pródigo em dotar a nossa terra com os mais requintados motivos de beleza. Por toda a parte essa generosidade impressionante se manifesta e dela se apercebem sem dificuldade os amantes dessa deferência da natureza, que tem sido imortalizada através das mais variadas e valiosas expressões da arte.

Por isso, o homem tem que pôr também a sua mão, proporcionando a quem nos procura os meios e as condições que as tornem ainda mais atraentes.

Há já alguns anos sublinhou-se a apazibilidade do Cabeço do Peão com algumas obras que muito valorizaram este local, incluindo a abertura duma esplêndida estrada de acesso, recentemente alcatroada.

Esta feliz iniciativa fez regressar à contemplação de toda a gente uma panorâmica extraordinária que ia perdendo, a pouco e pouco, o interesse e caindo no esquecimento.

É que, antes, para alcançar o cimo do Cabeço, era necessário utilizar uma estrada íngreme e sinuosa, com um pavimento em horrível estado de conservação. Quer dizer que o penoso da caminhada se sobrepunha aos desejos de observar e apreciar o panorama que dali se disfrutasse, por muito belo que fosse.

Este é um caso que se refere e que, felizmente, teve a sua solução condigna.

O nosso pensamento encaminha-se agora para as Fragas de São Simão.

Já em 1958 a conceituada revista TURISMO, pela pena de um seu ilustre colaborador, se referia assim àquele sítio maravilhoso:

... Os passarinhos, com os seus hinos hilariantes convidam-nos a descer até lá baixo junto dos salgueirais, e acabamos por embrenhar-nos num dos pontos mais estranhos da paisagem nacional. É que as Fragas de São Simão representam uma maravilhosa obra de arte natural, compreendendo duas enormíssimas fragas escuras, de mais de cem metros de altura, formando uma apertada garganta de quatro a seis metros de largura, mantendo-se aprumadas até muito alto.

Dão-nos a viva impressão de que avançam em terrível fúria, tendendo a esbarrar-se. No fundo do desfiladeiro, a ribeira parece romper da base da encosta vizinha para logo avançar de encontro às rochas e debatendo-se nos escombros pedregosos, transforma as suas águas em espuma nevosa. Desta arte tudo quanto nos rodeia são coisas grandes, misteriosa e belas, tudo nos convida a viver por momentos numa doce meditação: — as azenhas seculares, trabalhando; os moleiros enfarinhados; os burricos carregados de foles; os camponeses guardando todos os cantinhos da sua terra da ira das águas; aqui e ali uma casita escura, e nas encostas mais distantes levantam-se lugarejos de casas terrosas e ermidas alvejantes que são verdadeiros receptáculos de amor, lirismo e fé.

Para escrever tudo isto, é realmente preciso ter sido fortemente impressionado pela majestade e imponência do que se viu, pois nem a fantasia nem a sinceridade de que têm de revestir-se estas descrições, permitem exageros que em qualquer altura poderiam comprometer a honorabilidade do seu autor.

Pois apesar de tanta beleza e de tanta maravilha, as Fragas

de São Simão, aqui a dois passos de Figueiró, continuam quase inacessíveis à admiração do turista. Tanto pelo lado da Pena como pelo da Ponte de São Simão os caminhos de acesso, apenas em deficiente terraplanagem e lançados em elevadíssimas percentagens, desencorajam, ainda que os mais afoitos, a aproximarem-se destas paradisíacas paragens.

Contudo, desde tempos imemoriais que oiço falar na construção de uma estrada de harmonia com o valor que lhes é reconhecido.

Continuamos a aguardar, ansiosamente, que chegue o dia desse tão importante melhoramento.

IX

Figueiró é uma vila atraente com aspecto citadino, limpa e muito arejada. Têm-no reconhecido milhares de pessoas e os poetas e prosadores, pintores e artistas não perderam oportunidade para realçar estes atractivos, torná-los conhecidos e levar a toda a parte o seu valor.

Temos, por isso, obrigação de não deixar perder este ambiente justamente criado e qualificado, agindo de maneira a torná-lo cada vez mais belo e mais sedutor.

É necessário, por exemplo, florir a nossa terra, que possui excelentes condições para isso. Possuímos, é certo, dois magníficos jardins primorosamente cuidados que zfaem o encanto de nós próprios e de quem nos visita.

Mas precisamos de ir mais longe, de aproveitar todos os recantos disponíveis, todos os lugares propícios para plantar flores.

Então apelamos, neste momento, não só para as entidades a quem compete fomentar esta iniciativa, mas também para os figueiroenses que podem e devem tomar a seu cuidado uma parte importante desta tarefa.

Causa-nos pena a falta de ajardinamento daquela placa das trazeiras do edifício dos Paços do Concelho; entristece-nos a aridez da faixa de terreno ao longo da Avenida Salazar; visionamos um canteiro muito verde e salpicado de rosas (e porque não?) em plena Praça José Malhoa junto àquele passeio alto, que poderia também ser encimado por floreiras; protestamos contra o empedrado da placa central desta mesma Praça, que devia ser substituído por canteiro nas mesmas condições; sugerimos o ajardinamento do largo de São Sebastião, ao cimo da vila; o embelezamento do muro da Cruz de Ferro e a colocação de vasos adequados; e ornamentação, talvez com hortenses, que tão bem

se dão em Figueiró, em toda a extensão dos muros adjacentes à Fonte da Praça.

Outros locais, que de momento nos não ocorre mencionar, seriam igualmente aproveitados para este fim.

No que se refere à colaboração dos figueiroenses na consecução deste importantíssimo factor de valorização do aspecto da vila, são grandes os seus recursos e vastas as possibilidades.

Basta que as donas de casa queiram colaborar um pouco nesta iniciativa, para que em breve Figueiró esteja transformada num verdadeiro jardim. Só que em cada janela das suas casas coloquem um ou dois vasos de flores, a nossa terra passaria a ter centenas deles, senão milhares.

De resto, o que estamos a sugerir, não é da nossa lavra e teve a sua expressão máxima nos concursos das «Janelas Floridas» há anos levados a efeito pelo Secretariado Nacional da Informação, Cultura Popular e Turismo em diversas localidades do País, que obtiveram êxitos surpreendentes.

Nós acreditamos que não seja necessário estimular os figueiroenses com prémios pecuniários para se conseguirem esses mesmos êxitos. Mas se o fosse, a Comissão Municipal de Turismo não deixaria, por certo, de tomar o encargo a seu cuidado.

Apelamos para a boa vontade de todos no sentido de se alcançar, em breve, a realização plena desta prestimosa tarefa de florir Figueiró.

X

A propósito das opiniões e pontos de vista que aqui temos expellido, tomamos a liberdade de transcrever do jornal *Praia do Sol*, que se publica em Almada, parte de um artigo do seu ilustre colaborador Dr. Fernando Castelo Branco.

Não há dúvida de que o turismo é um fenómeno de extrema complexidade. Basta atentar no número de factores a que ele está ligado e de que depende para termos a imagem nítida dessa complexidade e conseqüentemente das grandes dificuldades que encerram o seu planeamento e a execução de uma política de turismo. Portanto esse planeamento deverá ser precedido de uma cuidadosa e segura determinação das dificuldades a vencer das obras a realizar. É necessário saber o que preferem os turistas, conhecer as suas mais imperiosas exigências, para se poderem satisfazer umas e outras o melhor possível. Esse conhecimento não pode ser obtido por palpite, nem pela impressão ou opinião pessoal, nem mesmo pela experiência de uma ou outra pessoa, mesmo colocada em posição privilegiada, porque uma observação pessoal, por melhor que seja, é sempre limitada, parcelar, perturbada pelos acasos que levaram essa pessoa a ver certas coisas e a não observar outras, por vezes mais importantes.

É evidentemente subjectiva e moldada por juízos e opiniões preconcebidas. Por isso só um inquérito devidamente organizado e executado oferece condições de objectividade e de segurança. Só ele pode fornecer uma informação suficientemente completa.

A realização de um inquérito desses seria extraordinariamente facilitada pelo questionário, que o Dr. Chaves e Castro, chefe dos Serviços Municipais de Turismo de Coimbra organizou para servir de base ao planeamento turístico desse distrito. Esse questionário, que foi apresentado ao I Congresso Nacional de Turismo parece-nos excelente pelo cuidado com que foi elaborado, pela

sua minúcia, por focar uma enorme variedade de questões, por abordar todos os aspectos que devem ser conhecidos para a realização de uma planificação segura. Já se observou que ele incluía perguntas que, em muitos casos, não poderão ser respondidas. Mas tal, segundo nos parece, não representa inconveniente nem defeito, pois não vemos que prejuízo advenha de ficarem sem resposta as perguntas para as quais nada havia a dizer. Inconveniente e grave seria que certos aspectos ficassem por focar por não terem sido abordados no questionário.

Pregando em Atenas, disse S. Paulo . «*Varões atenienses, em todas as cousas vos vejo como os mais supersticiosos. Porque, passando, e vendo os vossos simulacros, achei também um altar em que estava escrito: Ao Deus Desconhecido*». (Actos dos Apóstolos, ×VII, 23-23).

Planejar um turismo desconhecido não será superstição, mas é aventura insensata, é deixar seguramente por explorar um maior ou menor número de possibilidades e riquezas turísticas, é caminhar para erros graves que se poderiam muito bem evitar. Por isso defendemos e preconizamos como actividade prévia e fundamentadora de qualquer planeamento turístico o inventário e o estudo das possibilidades turísticas da respectiva região.

XI

Para qualquer figueiroense, por mais bairrista e amante da sua terra, constitui já uma banalidade falar-lhe dos recantos aprazíveis deste rincão de beleza excepcional e de encantos sem par.

À força de se extasiar, durante anos e anos, ante os surpreendentes cenários que o rodeiam, começa a invadi-lo o cansaço provocado pelas coisas vistas e revistas.

Não deve, porém, esquecer-se de as enaltecer e exaltar sempre que para tanto se lhe depare oportunidade. Fazendo-o, presta um serviço à sua terra e oferece aos amantes do belo um presente de enorme valia, dos mais valiosos que se deparam por esse Portugal além.

Ainda hoje, ao cair da tarde, impelido não sei por que força misteriosa, subi ao Cabeço do Peão.

O sol escondia-se em labaredas nos recortes da Serra de São Neutel e uma brisa quase imperceptível fazia chocalhar a ramagem dos carvalhos, único rumor a quebrar o silêncio que imperava naquele varandim imenso.

A visibilidade em meu redor era surpreendente e deixava alcançar a vista léguas e léguas... até ao horizonte.

Nada a quebrar aquela panorâmica extraordinária senão o céu e a terra a confundirem-se...

Pensei então e lamentei de mim para mim, como estão inaproveitadas e esquecidas as belezas da minha terra!

A meus pés observo agora uma frondosa mata que começa a desenvolver-se com extraordinária pujança: pinheiros, carvalhos, eucaliptos, exalam odores vivificantes e deixam adivinharmos sombras acolhedoras e convidativas para repouso nos dias calmosos.

Fantasio, então, a imprescindível mão do homem a colaborar com a natureza, rasgando caminhos, procurando água, ajei-

tando pedras, construindo recantos, tornando útil e agradável aquela riqueza selvagem que para ali se perde a criar répteis e a produzir bugalhos e pútegas!...

Não nos detemos por mais tempo, embora nunca seja demais fazê-lo, a realçar a importância e o valor do Cabeço do Peão como miradouro, de condições ímpares e dificilmente inigualáveis, porque essa importância e valor são unânimemente reconhecidos e apreciados.

Queremos, isso sim, suscitar as atenções de quem de direito para o que poderá conseguir-se em favor do turismo local, com o aproveitamento das encostas do maravilhoso Cabeço, agora povoadas de árvores frondosas, vegetação luxuriante onde embalamos o nosso sonho e a nossa fantasia...

Quem pudera convencer os homens a tornar um dia em consoladora realidade este doce encantamento...

XII

Sob este título e em diversos números de *O Norte do Distrito* foram abordados, muito superficialmente, alguns aspectos do turismo na nossa terra, entre os quais destacamos agora a necessidade preconizada de se construir uma piscina.

Invocámos, nessa altura, as razões por que reconhecíamos o maior valor a essa iniciativa. Mas, contrariamente ao que muita gente pode pensar, como não nos consideramos, nem por sombras, técnico de turismo, aquilo que então escrevemos não passou de certa intuição e de lógica no discorrer do assunto.

Entretanto estes problemas não se levantam somente na nossa terra. Há outras que os têm e pretendem resolvê-los.

Por coincidência veio parar-nos às mãos um exemplar do *Jornal de Abrantes*, de 17 de Outubro último, onde, em editorial, se pugna pelo desenvolvimento turístico daquela cidade e se refere o interesse em criar uma Comissão Municipal de Turismo (que nós já temos), e se evidenciam e enaltecem os atractivos que justificam a existência desse órgão local, começando nas paisagens graciosas, no clima ameno e na hospitalidade, para encerrar com as ruas emolduradas de flores, as visitas ao museu e o valor dos monumentos. Também se põe em relevo o facto de possuir Abrantes um magnífico Hotel de Turismo.

O ilustre articulista do *Jornal de Abrantes* finda estas suas considerações, para depois continuar focando outros factores de valorização da sua terra, com um *mas...* bastante significativo e que é a afinal a razão deste nosso escrito de hoje.

Diz assim:

Mas... falta uma piscina!

A piscina é, hoje, absolutamente indispensável em qualquer localidade que pretende ter um lugar ao sol no campo do turismo internacional. Não pode atrair-se o turista estrangeiro a uma localidade

do interior onde não exista uma piscina, quer junto de um bom hotel quer ao lado de um parque de campismo.

Ora, nós não cremos que tudo isto se escreva só por intuição e por lógica, como nós o fizemos. Antes, acreditamos que o caso foi observado por pessoa versada nestes problemas de turismo que tanto preocupam aqueles, que como nós, vêem na sua resolução uma extraordinária fonte de progresso e engrandecimento para as suas terras.

Quisemos, por isso, registar uma opinião que se harmoniza com a nossa e que, além do mais, tem o mérito de lhe conceder algum préstimo, coisa que até agora não tinha sido reconhecida.

Podem acusar-nos de visionários quando insistimos na construção de uma piscina em Figueiró. Porém, não nos desfalece o ânimo para arcar com o epíteto, nem perderemos qualquer oportunidade que se nos depare para pugnar pela realização de tão importante e decisivo melhoramento.

Havemos de fazê-lo no convencimento, certo e seguro, de que prestamos à nossa terra um alto serviço e de que não virá longe o dia do reconhecimento unânime da razão da nossa insistência.

Tudo o que se tem feito em prol do desenvolvimento turístico de Figueiró é muito pouco. Mas, mesmo esse pouco, constitui desperdício de recursos humanos e materiais e todas as energias investidas deveriam ter sido aforradas, com vista à consecução deste factor-base de valorização que se chama piscina.

Não se veja nestas palavras outro sentido que não seja o desejo ardente de ver progredir no campo aliciante e de perspectivas futuras inestimáveis do Turismo, a linda terra que nos foi berço. Se as quiserem apelidar de crítica, façam-nos a justiça de a considerar construtiva.

Contudo ela move-se... Assim dizia o sábio da antiguidade referindo-se ao comportamento da terra.

Também nós movidos da mesma segurança e certeza do autor daquele dito afirmamos:

Contudo... sem piscina não pode existir turismo em Figueiró!

XIII

Até aqui temos focado diversos aspectos deste aliciante problema no campo material, fazendo por chamar à realidade não só os responsáveis pelo encontro de caminho da solução, mas também os figueiroenses em geral para que ajudem, pela palavra e pela obra, a estimular, a exortar as entidades competentes a olhá-lo bem de frente e a considerá-lo como merece.

Infelizmente, uns e outros, têm demonstrado, sobejamente, que o caso lhes não interessa.

Porém, quando o Concelho tem qualquer pretensão que precisa de ver satisfeita nas estâncias superiores, logo se invoca, além do mais, que... *Figueiró é uma estância de turismo!*

Também é frequente ouvir de muitos figueiroenses, quando lhe interessa criticar a actuação da administração local no que diz respeito a certas deficiências inevitáveis (limpeza, iluminação, esgotos, etc.), a consagrada frase ... *e é isto uma estância de turismo!*

E para pouco mais nos serve, presentemente, a honra e a deferência contidas no Decreto n.º 15 347, de 11 de Abril de 1928. Vão passados quase 40 anos!

Como tudo o que aqui temos preconizado e sugerido se afigura, por este ou por aquele motivo, irrealizável, deixemos o futuro dizer-nos das boas ou más consequências que esta repousada situação nos trará.

Efectivamente, o programa é vasto e dispendioso, mas quanto mais se protelar a sua elaboração, maiores serão as dificuldades a vencer.

Abstraímos, agora, por algum tempo, deste campo das realizações materiais e desviemos a nossa atenção para o da cultura, tão chegada às atribuições e iniciativas das Comissões de Turismo. E, neste particular, o que temos feito?

Para aqui não são válidos os argumentos que, facilmente, se

encontram para adiar a realização de obras e melhoramentos indispensáveis ao desenvolvimento turístico de Figueiró.

Não são necessários centenas ou milhares de contos, nem água, nem terrenos, para deliberar, planear e providenciar: sobre o inventário das riquezas naturais, arqueológicas e históricas da zona; sobre a realização de exposições, conservação e divulgação de tra-
jes regionais; sobre a criação e conservação de bibliotecas populares; sobre a divulgação de factos notáveis da vida passada e presente da região; sobre a realização de festas populares, etc., etc.

Se nos disserem que na época em que vivemos muitas vezes, forçosamente, se relegam para segundo plano as actividades culturais para dar prioridade a necessidades materiais, não deixamos de concordar. Porém, não tem aqui aplicação a alternativa. Estamos em ponto morto.

Impõe-se, entretanto, um arranque decidido e, vá lá, mais uma sugestão lançada ao vento.

Vêm ainda longe os meses de verão, em geral os mais propícios à realização de festas, mas, neste caso, o tempo conta.

Podia planear-se, desde já, um programa a pôr em prática na próxima época estival, integrando as Festas de S. João, a tradicional romaria de N. S. do Livramento, as festas e feira de S. Pantaleão (feira que tem características excepcionais para atrair forasteiros e turistas), e ainda outras manifestações de carácter cultural e popular. Manter uma sequência de atractivos capaz de envolver a nossa terra por uma auréola de atenções e de preferência dos povos da região e dos turistas, apoiada pelo próprio merecimento dos festivais e de uma propaganda profusa e consciente.

Dirão que sonhar é fácil...

Contudo, é dos sonhos que, por vezes, têm surgido as grandes realidades.

BIBLIOTECA M
SA FL
FIGUEIRO DO